



# ESPAÇOS DAS SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS: o novoterritório das biografias – Resenha do livro *O espaço biográfico*, de Leonor Arfuch

Marta Francisco de Oliveira\*

A memória é costureira, e costureira caprichosa. A memória faz a sua agulha correr para dentro e para fora, para cima e para baixo, para cá e para lá. Não sabemos o que vem em seguida, o que virá depois. Assim, o ato mais vulgar do mundo, como o de sentar-se a uma mesa e aproximar o tinteiro, pode agitar mil fragmentos díspares, ora iluminados, ora em sombra, pendentes, oscilantes, e revirando-se como a roupa branca de uma família de quatorze pessoas, numa corda ao vento.

WOOLF. *Orlando*, p. 44.

Para os atuais estudos de Literatura, os Estudos Culturais tornaram-se uma referência para análises que encaram o texto como sendo, também, um *produto cultural*. A crítica biográfica, inserida que está nos Estudos Culturais, privilegia o não-ficcional da mesma forma que o ficcional, unindo-os para se obter uma visão mais completa da obra literária, visto que pode criar pontes entre obra e fatos, incluídos fatos *culturais*. Seus desdobramentos são múltiplos, visto que o interesse por seu objeto de estudo, os relatos de vida, individuais e sociais, tornou-se mais intenso, ultrapassando os limites do mero interesse pelo privado, para chegar até a mídia e à ampla exposição da intimidade como temos visto na atualidade. Tema vigoroso nos estudos mais recentes que abarcam várias áreas do conhecimento, a subjetividade expressa através das biografias – relatos de vida, baseados na memória, memória caprichosa, conforme a epígrafe - que se tornou foco das pesquisas da profes-

---

\*Marta Francisco de Oliveira é professora da UFMS/CPCX.

sora Leonor Arfuch, compartilhadas com o público leitor através da publicação de *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea* (EdUERJ, 2010, 368 páginas). Embora a primeira edição, argentina, seja de 2002, a tradução brasileira apenas foi publicada em 2010. Apesar do atraso, é oportuna a publicação em língua portuguesa para uma leitura mais atenta, visto a obra ser considerada referência bibliográfica para uma ampla variedade de estudiosos, nas áreas de Letras e Linguística, Comunicação, Estudos Culturais, Artes, Ciências Sociais, História e Educação. Além disso, é relevante o fato de que a obra, nestes oito anos, recebeu ampla divulgação em todo o continente latino-americano.

Podemos considerar, portanto, que esta continuará sendo uma obra de referência para pesquisadores no campo dos estudos que abarcam a cultura, e mais especificamente a biografia, relacionados à literatura e às linguagens. No campo literário, os postulados da crítica biográfica consideram que muito da ficção está pautada no *social*, em elementos de vivência, o que permite dizer que as personagens ficcionais são na realidade desdobramentos da própria *persona* social e culturalmente modelada que se torna escritora.

De acordo com o que postula Eneida Maria de Souza, a crítica biográfica permite que se expandam as formas de interpretação da literatura, visto que ao analisar a complexa relação entre obra e autor, e ao deixar de concentrar-se apenas na produção ficcional para também englobar a produção documental, a crítica biográfica constrói “pontes metafóricas entre o fato e a ficção”, o que resulta no deslocamento do “lugar exclusivo da literatura como corpus de análise e expande o feixe das relações culturais”.<sup>1</sup> A crítica biográfica recompõe o cenário literário e cultural do escritor, principalmente através dos “biografemas”, ou fragmentos de biografia, no conceito de Roland Barthes. Fatos de experiência tornam-se uma representação do vivido ao se integrarem ao texto ficcional, deixando de serem considerados como um registro fidedigno de um relato de vida. Dessa forma de representação do vivido resultaram, segundo Souza, os grandes temas existenciais da literatura, como suicídio, morte, amor, entre outros; temas estes que “guardam sua natureza ficcional e se espraiam na página aberta do espaço textual e nos interstícios criados pelo jogo ambivalente da arte e do referente biográfico”.<sup>2</sup>

Por se considerar a vida como *textto* e cenário representativo no qual as personagens aparecem como figurantes, “o exercício da crítica biográfica irá

<sup>1</sup>SOUZA. *Crítica cultt*, p. 111.

<sup>2</sup>SOUZA. *Crítica cultt*, p. 119.

certamente responder pela necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção”.<sup>3</sup> Seguindo esta linha, convém observar que o escritor pode muitas vezes adotar um certo bovarismo, (conforme aprendemos com Gustave Flaubert, para projetar-se no outro, mesclando a sinceridade e a artificialidade da criação) e, através da literatura, unir experiências pessoais a experiências criadas ficcionalmente na construção de uma rede imaginária em seu texto. O trabalho da crítica, ou mais precisamente do crítico biográfico, é o de apropriação não só da vida como também da ficção, utilizando-se das margens do texto ficcional, que são também um texto, buscando as relações estabelecidas entre eles e recontextualizando a obra, de modo que esta seja tomada como aberta, móvel, uma citação que pode retornar sempre a si mesma, para reler-se, rever-se. Vai além do texto e além da vida, entrelaçando-os para interpretar o texto biográfico.

A obra *O espaço biográfico – Dilemas da subjettividade contemporânea*, portanto, preocupa-se com os elementos que compõem a vida e a própria experiência tomados como tematização para a cultura contemporânea da subjettividade, cultura esta que extrapola as formas mais antigas de relatos ‘do que aconteceu’, para abarcar o horizonte midiático e interativo da atualidade. Como um convite à leitura, nossa proposta é fazer uma pequena síntese de alguns elementos abarcados nesta extensa obra que reflete o trabalho minucioso de investigação da autora.

Já na apresentação do livro, a autora fala dos infinitos matizes da narrativa vivencial, que captam a atenção das ciências sociais, cada vez mais voltados para o sujeito como ator social, e também a atenção do mercado, ávido por novidades lucrativas, atento ao interesse de um crescente público pela intimidade e subjettividade do outro. Como resultado, o antes tido como particular pode converter-se em um “relato de todos”, em um espaço amplo, heterogêneo e híbrido, com seus inúmeros desdobramentos. O espaço biográfico, visto como ponto de partida para uma possível compreensão de todo o vasto território do *bios* (vida) e seus relatos, expandidos às novas tecnologias, envereda-se por entre gêneros literários diversos e múltiplos, colocando em cena o “eu” e o “outro”.

Para traçar os caminhos do tema, Leonor Arfuch procura situar a conformação do espaço da interioridade, do privado, numa dimensão histórica, recuando no tempo em busca de práticas de escrita de si e do outro, e sua relação

---

<sup>3</sup>SOUZA. *Crítica cultt*, p. 119-120.

com as questões sociais relevantes para o chamado processo de civilização, conforme o compreendemos atualmente, em *O espaço biográfico*: mapa do território. Uma vez iniciado, o exercício da escrita do privado ampliou seu espaço de atuação e desdobrou-se em uma grande variedade de relatos e registros que vão desde as formas clássicas às mais modernas formas de exposição e visibilidade da esfera do íntimo, para compor a moderna narrativa vivencial. As considerações sobre os trabalhos de Barthes, Lejeune e Gadamer são essenciais para a compreensão da ideia de *ttotalidade da vida* em tais relatos; embora autobiográficos, dão-nos conta do *além de si* de cada vida particular. Essa característica, portanto, pode ajudar a elucidar o interesse que o tema da biografia, da violação do privado, tem despertado ao longo dos anos, renovando-se na contemporaneidade.

Biografia, autobiografia e outras formas de expor a memória ou a vivência conformam-se como uma construção imaginária de *si mesmo como outro*, na expressão de Ricoeur. Biógrafo, biografado, leitores, todos se aproximam mais pela narração da vida em si do que pela ordenação de fatos sobre a vida de outro; pautada em Bakhtin, essa ideia remete ao valor biográfico de compreensão, visão e expressão da própria vida, para outorgar sentido à experiência, à vivência fragmentária e caótica da identidade. Aparentemente, o espaço biográfico é infinitamente amplo; é, portanto, o lugar onde congregam diversas memórias individuais e coletivas, relatadas de formas tão diversas que extrapolam todos os limites do que pode abarcar a literatura, bem como outros campos do saber. São narrativas de vida em circulação nos mais variados gêneros, nas quais se percebem tanto a intertextualidade como a interdiscursividade, em praticamente todas as formas de registro, que ajudam a caracterizar o (amplo) cenário cultural do qual são oriundas.

Hoje, este espaço rompeu os limites da escrita e da narrativa tradicionais; até mesmo um simples objeto ou outras marcas da vida do autor ou do biografado agregam em si tais relatos, que vão além de sua materialidade. Indo mais além, engloba toda a heterogeneidade dos gêneros discursivos e todas as formas de uso da linguagem, visto que, segundo Lacan, o sujeito tanto *advém* quanto *se constitui* nela; ao usá-la para narrar *a* ou *sua* subjetividade, em sua construção narrativa, importam as estratégias ficcionais de autorrepresentação empregadas. O interesse por relatos de vida de si ou do outro constitui um desejo que se relaciona à noção de sujeito e identidade; um sujeito não essencial, aberto a múltiplas identificações, constrói a narrativa de sua identidade sobre a caótica flutuação da memória e sobre o arquivamento da mesma, ao mesmo tempo produzindo e registrando a vivência.

O segundo capítulo, *Entre o público e o privado*: contornos da interioridade, a autora se baseia nos estudos de Hannah. Arendt, Jürgen Habermas e Norbert Elias para fazer um exame crítico da esfera do público e do privado, com suas origens no social e no político, traçando a articulação que se estabelece entre o ‘eu’ e o ‘nós’, o interesse pela subjetividade que se expande a todas as esferas do social, tornando-se múltipla. Estabelecem-se modelos de conduta e valores coletivos que conformam a identidade de um indivíduo social, marcado pela interação dialógica e interdependente entre si, como indivíduo, e a sociedade com suas redes de interação e urdiduras marcadas por sua historicidade que preexistem ao sujeito ao mesmo tempo em que se tornam produto de sua relação com outros, tais como a língua, a linguagem.

No horizonte contemporâneo, o espaço público e o espaço privado rendem-se ao mercado, às novas tecnologias, às transformações políticas e ao novo desenho geográfico mundial, sendo por eles modificados. Como resultado, ocorre a invasão do público no privado e do privado no público, em mútuas interferências e influências. É bastante relevante o ponto de vista da autora sobre como a visibilidade dos meios de comunicação que expõem o público e o privado serve para pensar seu alcance e seus efeitos, no sentido da diferença, da falta, do desejo (individual ou social?) e na resultante ampliação do espaço biográfico. As narrativas do eu concorrem para a constituição de um nós, para a afirmação da subjetividade na intersubjetividade. As narrativas biográficas geram o reconhecimento de uma pluralidade de vozes (para além do individual de cada uma delas, para além da tradição e das novas memórias) que dão conta dos vários espaços públicos e privados coexistentes. A exposição da vida do outro, de sua conduta e comportamento, deu espaço para a criação de um novo gênero/fora do gênero, nem testemunho nem ficção e ambos ao mesmo tempo. E, do ponto de vista político-filosófico, é válido refletir sobre as considerações, talvez infinitas, a partir da ideia de constituição de narrativas plurais que ao passo que falam de um eu, da criação de si, ao mesmo tempo falam de solidariedade e informam sobre outros, sobre a comunidade.

Para pensar sobre as narrativas como forma de estruturação da vida e da identidade, e não como simples forma de contar histórias ou experiências de vida, o terceiro capítulo, *A vida como narração*, é iniciado com a citação de Paul Ricoeur: “as vidas humanas precisam e merecem ser contadas”. Vida e linguagem, narração e experiência se influenciam mutuamente, mas a inquietação da temporalidade é uma constante: tempo físico, tempo psíquico, tempo do relato, tempo linguístico. Para o espaço autobiográfico, a presença de vozes na instância atual do relato e nas instâncias de tempos passados (tempo

da memória) busca a identidade narrativa, relacionada à história e à experiência no espaço biográfico, e o relato da experiência se torna possível através da temporalidade mediada pela trama. Não se pode, porém, ignorar o jogo duplo que se instaura nas narrativas ao se colocar, lado a lado, fatos de vida e fatos históricos, ou a memória e a ficção.

Parece essencial, para mapear o espaço biográfico, identificar, reconhecer, perceber a voz narrativa, que se inscreve através das vozes do relato. Como narração de uma experiência, há um 'eu' presente, mas também há um 'você', remetendo à instância da leitura, da recepção. A nosso ver, entender a vida como narração talvez exija estabelecer algumas distinções entre formas genéricas do espaço biográfico. Pensar sobre a autobiografia faz refletir sobre como esta propõe um espaço figurativo para um 'eu' sempre ambíguo, incerto porque pautado na oscilação entre memória e *mimesis*, num exercício de autoficção. Quanto à biografia, este é um gênero que apesar da atenção que desperta, também se move sobre o território incerto entre testemunho, romance e relato histórico. Quanto à forma de narrativa, parece impossível fazer a distinção entre um 'eu' e o 'outro', sujeito e coletividade, sem que ambos exerçam certa medida de influência entre si. Justapostos às formas clássicas de exposição do biográfico, tais como diários íntimos e correspondências de vários tipos e formatos, de caráter mais reservado e de maior profundidade no que se refere ao mergulho na intimidade do 'eu', surgem, nos últimos tempos, os meios que permitem que essa troca de correspondências sem regras rígidas, abertas ao imprevisto, seja tornada pública através da internet. Campo de estudo recente, sem dúvida gera bastante interesse entre estudiosos que se preocupam com a expressão contemporânea da subjetividade e o chão movediço do autêntico e do ficcional nas narrativas da vida.

Nestas novas perspectivas quanto ao espaço biográfico, a mídia popularizou novas facetas das práticas autobiográficas e biográficas. O capítulo intitulado *Devires biográficos: a entrevista midiática* mostra como a entrevista pode agregar em si diversas formas de narrativas da vida, aliando as ideias de voz, de presença, de autenticidade por estar ancorada na palavra dita. Implica, sem dúvida, conceder a voz ao entrevistado para dar rosto e forma às suas histórias de vida. Fruto das indústrias e do mercado cultural, a entrevista permite que a vida seja narrada a várias vozes, no jogo que se estabelece entre entrevistador e entrevistado e no jogo implícito entre o que se diz e o que se quer dizer, ou até mesmo, que não se quer dizer, do qual faz parte o destinatário final da interação. Processo com múltiplos desdobramentos, na entrevista estão incluídas intenções que podem ir dando pistas das marcas da trama discursiva. Atribuir a palavra diretamente a alguém cria o efeito de vida real, de presença, nos

espaços abertos pelos turnos de intervenção, nem sempre respeitados nos sistemas conversacionais. A voz que se instaura e que narra estabelece uma estranha relação com a temporalidade, nem sempre linear, e com as outras vozes que se mostram na construção do discurso, no espaço sempre compartilhado das histórias (possíveis) de vida. Os relatos dão conta do ser comum, da infância, das afetividades, de uma verdade hipotética e esquiva, que atrai e impregna a cultura contemporânea.

No contexto literário, as narrativas da vida dos escritores seduzem os leitores tanto quanto as obras. Em *Vidas de Escritores*, o foco torna-se a relação entre imaginação e vida a serviço da ficção, ou da própria literatura. Para Leonor Arfuch, o território biográfico privilegiado que a entrevista conquistou foi o dos escritores, teóricos, críticos, intelectuais que, atuando com a palavra, podem inventar vidas e obras. No entanto, o exercício da escrita exige a presença de outra voz como suplemento. As entrevistas apresentadas neste capítulo mostram a estreita relação vida/obra que tanto interessa à crítica biográfica, conforme destacado no início deste trabalho. Porém relativas ao espaço e ao momento da entrevista, em que um autor se assume como objeto de conhecimento e constrói uma imagem de si mesmo através de sua própria voz e com base em seu trabalho de autoria, ao assumir um texto com seu nome. Muitas vezes o diálogo estabelecido na entrevista tenta ir além do dito para buscar o que está oculto sob o material da imaginação, na trama entre vida e literatura e também no movimento oposto, quando a literatura de certa forma molda a vivência.

A entrevista se tece, portanto, como autobiografia. O escritor, como figura central ao emitir sua voz, permite a espiadela sobre sua dupla identidade de autor/leitor, sobre a ‘cena da escrita’, ou o trabalho de composição, e sobre a ‘cena da leitura’, que revela não só as bases (explícitas ou escamoteadas) de suas leituras como também do leitor que (nem) sempre projeta durante a criação de seu texto. No entanto, assim como um leitor mais atento pode perceber os ardis empregados pelo escritor ao tecer ao seu texto ficcional com base em sua vivência, também o destinatário da entrevista pode perceber os mistérios da criação ao ver personificada a voz que fala de suas memórias, de gestos cotidianos, da gênese de sua escrita, enfim, do relato ou da narração do ‘eu’, e percebê-los como uma ‘vida artificial’, como a criação de outro texto ficcional que lhe fala de outros registros do conhecer, de outras buscas, outras formas de saber.

Os dois últimos capítulos conversam mais diretamente com as ciências sociais, interessadas que estão nos questionamentos sobre esse vasto território e sobre o trabalho obstinado da pergunta. Em *O espaço biográfico nas ciências*

*sociais*, a entrevista aparece como indagação sobre a voz do outro, num diálogo que se converte em pesquisa. O ato de perguntar ganha relevância. Como afirma o crítico e escritor Silviano Santiago, a pergunta traduz o desejo de intelectualizar a problemática que ela levanta, para perceber de modo conceitual o objeto questionado. E, na resposta, quem perguntou pretende fazer do objeto analisado um objeto de conhecimento, um objeto cultural. No espaço biográfico, isso implica fazer da vida um objeto cultural.

O interesse pelas formas tradicionais de deixar que outra voz se pronuncie agora divide espaço com os relatos midiáticos, de homens e mulheres comuns ao lado de celebridades, políticos, escritores, expondo o privado aos olhos do público, ou expondo a misteriosa relação entre vida e obra em usos de âmbito científico.

O percurso crítico feito pela autora mostra como o dar voz ao outro implica a questão quanto ao que fazer com essa voz, num trabalho que visa colocar em foco o caráter narrativo e construído da experiência. Oralidade e escrita, nos relatos de vida e no registro da experiência, convertem-se em um trabalho amplo com a própria *linguagem*, em toda sua complexidade dialógica e existencial, necessários para o exercício da interpretação. São relatos polifônicos e multiculturais, marcados por um eu ao mesmo tempo em que dão conta do discurso alheio, no jogo da linguagem e na trama da narrativa. A enunciação, portanto, também é produzida de acordo com certos interesses e intenções, desejos e faltas, num discurso que se constrói no devir atual do diálogo; é nesse momento de montagem através da narração que a *vida* ganhará forma e sentido, e a identidade ganhará seus contornos.

Nessa trajetória pelo espaço biográfico através de relatos da experiência, o último capítulo apresenta uma série de entrevistas biográficas sobre emigração de argentinos, a maioria com dupla cidadania, à Itália, entre 1991 e 1993. As vozes que narram suas histórias falam de deslocamento, de identidade em conflito quando há a dúvida quanto ao lugar de pertencimento. O registro de uma memória biográfica foi montado através da voz do outro, ou seja, não dos emigrantes, mas dos familiares, o que resultou numa construção discursiva bastante interessante a respeito do ausente e, mais além, a respeito da identidade. Nos relatos, assim como nas entrevistas de escritores, a narrativa se faz aqui e agora, e o destinatário está inserido e é levado em conta através da presença do entrevistador, sugerindo a participação imaginária do público na construção biográfica.

O valor da narrativa da experiência, como constituinte do espaço biográfico, está, portanto, na exaltação do *ter vivido*, ou na exaltação da própria vida.



Discurso uno que se torna múltiplo, por permitir a ilusória inclusão do nós nos relatos de vida, o espaço biográfico se expande e redesenha os dilemas da subjetividade contemporânea, no movediço território que separa/aproxima vida e vida contada/criada/desejada.

## Referências Bibliográficas

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. Boitempo Editorial: São Paulo, 2003.

NOLASCO, Edgar César. *Resttos de ficção*. São Paulo: Annablume, 2004.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malftas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-política na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cultt*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

WOOLF, Virginia. *Orlando*. Trad. Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 10 ed., 1978.

